



O Diário de Notícias (Madeira) e o Diário da Madeira na cobertura dos Bombardeamentos do Funchal de 1916 e 1917

Samuel Mateus
samuelmateus@uma.pt

SAMUEL ANDRÉ ALVES MATEUS (Lisboa, 1982) é doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa e professor de «Estudos de Comunicação» na Universidade da Madeira. É investigador no Labcom.IFL e no ICNOVA. Co-organizou *From Multitude to Crowds: collective action and the media* (Peter Lang, 2015) e é o autor de *Introdução à Retórica no Séc. XXI* (Labcom Books, 2018). <http://samuelmateuspapers.blogspot.pt>.

Resumo

Durante a I Guerra Mundial, e principalmente em 1916 e 1917, a Madeira experimentou um período de especial dependência do exterior em que a insegurança na navegação do Atlântico isolou ainda mais o arquipélago e aumentou as dificuldades de abastecimento. O *Diário de Notícias (Madeira)*, e o *Diário da Madeira*, jornais de referência no panorama insular da época, desempenharam um papel fundamental não apenas informando o público dos ataques alemães, como também despoletando um acérrimo sentimento regionalista, incentivando a recuperação e criticando veementemente a atitude da Alemanha.

Neste trabalho analisamos o tipo de cobertura jornalística dado aos Bombardeamentos do Funchal tendo por base uma perspectiva evolutiva da implementação do discurso jornalístico em Portugal, a partir da utilização de um princípio discursivo basilar do jornalismo moderno: a escrita em pirâmide invertida. Começando por contextualizar a emergência da imprensa madeirense no séc. XIX e descrever sumariamente o acontecimento histórico, esta comunicação salienta que, no contexto da assumida reivindicação política dos interesses madeirenses nos artigos de jornal, estamos perante a existência de um discurso jornalístico onde os juízos de um intelectual-jornalista estão muito presentes ainda que a influência do modo de escrita anglo-americano em pirâmide invertida seja diminuta.

Palavras-Chave:

História da Imprensa na Macaronésia, Imprensa Regional Portuguesa, I Guerra Mundial, Bombardeamentos do Funchal.

Abstract

During World War I, and especially in 1916 and 1917, Madeira experienced a period of particular dependence on the outside world in which insecurity on the Atlantic navigation further increased the isolation of the archipelago and augmented its difficulties of supplies. *Diário de Notícias (Madeira)*, and *Diário da Madeira*, the main newspapers at the time, played a key role not only informing the public of the German attacks, as well as triggering a staunch regionalist sentiment, by encouraging the recovery and strongly criticizing Germany.

In this paper we analyze the news coverage given to the Bombing of Funchal on the basis of an evolutionary perspective of the implementation of journalistic discourse in Portugal: the use of the discursive basilar principle of inverted pyramid writing. Beginning by contextualizing the emergence of Madeiran press on 19th century and by briefly describing the historical event, this paper stresses that, in the context of assumed political revindications by the press, we face the existence of a journalistic discourse where the judgments of an intellectual-journalist are present even though the influence of the Anglo-American writing in inverted pyramid is diminished.

Keywords

History of the Press in Macaronesia, Portuguese Regional Press, I World War, Funchal Bombings.

O *Diário de Notícias (Madeira)* e o *Diário da Madeira* na cobertura dos Bombardeamentos do Funchal de 1916 e 1917

Samuel Mateus
Universidade da Madeira

Introdução

Associar o jornalismo, enquanto actividade profissional específica, a uma simples questão tecnológica (invenção técnica que permite a publicação de jornais) e à emergência dos jornais pode ser arriscado.

Se é verdade que ambos se encontram relacionados, isso não quer dizer que possamos estabelecer umnexo de causalidade entre os títulos periódicos e uma nova forma de discursivização acerca do mundo. Com efeito, se o jornalismo enquanto actividade que reporta a realidade se afirmou historicamente por intermédio da imprensa, isso não significa que o discurso jornalístico tenha sido «inventado» no séc. XVII quando os primeiros periódicos emergiram. Na verdade, de acordo com Chalaby,¹²⁸ o jornalismo pode ser considerado uma invenção do séc. XIX, produto da autonomização profissional dos jornalistas e de um campo de produção discursiva independente. O discurso jornalístico desenvolveu-se paulatinamente convergindo num conjunto de textos contendo as suas próprias normas discursivas (ex: pirâmide invertida) e valores (ex: objectividade). Ele possui as suas próprias estratégias e práticas discursivas através das quais foi possível atribuir aos textos jornalísticos uma identidade filológica que contribui para que possamos reconhecer o mesmo fenómeno discursivo (jornalismo) em diferentes géneros e manifestações textuais (ex: «editorial», «coluna de opinião», «reportagem», etc).

O discurso jornalístico pode, assim, ser balizado historicamente. Mas pode igualmente ser associado a uma cultura particular. Na verdade, a revolução discursiva que envolve esta nova maneira de descrever o mundo- reportando-o - não ocorreu universalmente, mas obedeceu a estágios sucessivos de incorporação de normas discursivas que surgiram primeiramente nos Estados Unidos da América e na Grã-Bretanha.¹²⁹ O jornalismo não é somente uma descoberta do séc. XIX; ele é fundamentalmente uma invenção Anglo-Americana. Foi nesses dois países que foram definidas as estratégias e práticas discursivas que caracterizam o jornalismo e que lhe conferem a sua identidade social. Foi aí que, por intermédio de uma imprensa grandemente industrializada, que se autonomizou o campo de produção discursiva que caracteriza o jornalismo. Os outros países europeus, como a França,

¹²⁸ CHALABY, J.K: *The Invention of Journalism*, London: Palgrave Macmillan, 1998.

¹²⁹ CHALABY, J.K: «Journalism as an Anglo-American Invention – a comparison of the developments of French and Anglo-American Journalism, 1830s-1920s», *European Journal of Communication*, 11(3), 1996, p. 304.

foram lentamente importando, incorporando e adaptado os métodos do jornalismo Anglo-Americano.

O confronto cultural e discursivo que ocorreu no jornalismo do séc. XIX reflecte o cepticismo com que os jornalistas Europeus encaravam as influências americanas. O novo discurso jornalístico, orientado para factos e movido pelo desejo de objectividade, inseria-se num movimento cultural mais amplo que o associava à degeneração cultural como trágica e inevitável consequência da modernização.¹³⁰ Tal perspectiva traduz uma fortíssima resistência cultural à influência do jornalismo Anglo-Americano e à sua enfâse no sensacionalismo, nas emoções e comercialização (as notícias como um produto). De facto, os intelectuais europeus receavam que os padrões morais do jornalismo se quebrassem caso adoptassem um discurso jornalísticos menos concentrado num modelo narrativo e mais focado nos factos «puros e duros» (*hard news*).

Ainda que o padrão discursivo Anglo-Americano atingisse as massas e se tornasse rapidamente popular, a relutância europeia em assumir a «americanização» do jornalismo fez com que a incorporação plena do novo discurso jornalístico demorasse décadas. Na Europa, apenas gradualmente a influência americana se estendeu ao Norte da Europa e, apenas depois, ao Mediterrâneo (incluindo países como Espanha ou Portugal).¹³¹ Estamos assim, perante diferentes realidades evolutivas quanto a adopção do padrão discurso baseado na informação e na objectividade dos factos.

Neste artigo, contribuímos para a história da imprensa madeirense, bem como para um estudo comparativo do discurso jornalístico através do estudo de caso de dois jornais regionais madeirenses da segunda década do séc. XX: o *Diário de Notícias (Madeira)* e o *Diário da Madeira* aquando das notícias do Bombardeamento do Funchal em 1916 e 1917 por parte de submarinos alemães durante a Grande Guerra. Trata-se, no fundo, de efectuar uma genealogia das práticas discursivas do jornalismo regional e insular português.

Com vista a analisar o padrão discursivo utilizado pelo *Diário de Notícias (Madeira)* e pelo *Diário da Madeira* aquando do ataque, começaremos por relatar a emergência da imprensa madeirense e o acontecimento histórico dos Bombardeamentos do Funchal. Por fim, procedemos à análise dos artigos publicados nos referidos jornais a partir de um elemento discursivo: a pirâmide invertida. Concluimos tecendo, a partir dos objectos examinados, algumas considerações sobre o modo como, no jornalismo português do início do séc. XX- e em especial o jornalismo madeirense - a transição entre jornalismo de opinião e jornalismo de informação ocorreu.

¹³⁰ BROERSMA, M: «Form, Style and Journalistic Strategies. An Introduction», in M. Broersma (ed.) *Form and Style in Journalism. European Newspaper and the Representation of News, 1880-2005*, Leuven: Peters, 2007, p. xix.

¹³¹ *Ibidem*.

I Guerra Mundial: a primeira experiência de Jornalismo de Guerra

Se podemos afirmar que os Estados beligerantes têm, durante a chamada *Grande Guerra*, o primeiro contacto com a máquina propagandística e censurante que ocorrerá, em pleno, na II Guerra Mundial, é, também, plausível afirmar que a imprensa tem, na Guerra de 1914-1918 a sua primeira experiência de jornalismo de guerra com todas as implicações que isso possa comportar. Nomeadamente, a criação dos *Press Bureaus* através dos quais as informações chegavam aos jornalistas previamente escrutinadas pelos militares. Trata-se, nesta época de uma relação difícil entre militares e jornalistas pois estes eram tratados como inimigos ou forças hostis.¹³² Ainda assim, a partir de 1915, alguns jornalistas foram admitidos, por pressão dos Estados Unidos, na frente aliada, ainda que o seu trabalho fosse sujeito a clara censura (Sousa, S/D). Através de um sistema de *pool*, procedia-se à pré-selecção de alguns jornalistas que acompanhariam os militares e que escreveriam, não somente para os seus jornais, como também para os jornais rivais. Os jornalistas aceitavam nunca passar informação que não fosse aprovada pelos militares, os quais detinham autoridade de escrutinar toda a sua correspondência, incluindo cartas pessoais.

O problema pernicioso acerca deste acesso selectivo à experiência de guerra a reportar era que punha em causa o princípio de imparcialidade. Não apenas os jornalistas não detinham liberdade para reportar aquilo que observavam sem constrangimentos, como também não podiam verificar todos os factos que narravam. Assim, escreviam-se histórias sobre casos que nunca haviam sucedido na tentativa de granjear o apoio da opinião pública, como o caso da fábrica alemã onde a incineração dos cadáveres dos soldados aliados tinha o intuito de produzir a glicerina utilizada nas munições.¹³³ «A imprensa apresenta a realidade reconstruída da guerra na Europa como se fosse a realidade em si mesma, principalmente com o objectivo de conferir autenticidade à informação que aqui se confunde com propaganda, e de assim conseguir persuadir e convencer os leitores da causa dos aliados, apresentada como a verdade da guerra».¹³⁴ A aparente liberdade de expressão culmina, então, em propaganda.¹³⁵

Em Portugal, a imprensa é fundamental na formação da opinião pública e, embora não tão influente como a imprensa Britânica, Francesa ou Alemã, revela-se uma arma poderosa na disputa entre os intervencionistas (que pugnavam pela entrada de Portugal na I Guerra Mundial) e os anti-intervencionistas (reivindicando a não-participação do país no conflito). Segundo Novais,¹³⁶ «os jornais são instrumentos poderosos, uma espécie de balas de papel quase tão eficientes como as

¹³² MCLAUGHLIN, G: *The war correspondent*, Londres: Pluto Press, 2002, p. 53.

¹³³ CARVALHO, E.S: *Jornalismo de Guerra- O Caso da Imprensa Portuguesa*. Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior, 2013, p. 35.

¹³⁴ NOVAIS, N.E: *A Imprensa Portuguesa e a Guerra. 1914-1918- os jornais intervencionistas e anti-intervencionistas, a acção da censura e da propaganda*, Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, FCSH-NOVA, 2013, p. 265.

¹³⁵ MCLAUGHLIN, G: *The war correspondent*, op. cit., p. 60.

¹³⁶ Novais, N.E: *A Imprensa Portuguesa e a Guerra...*, op. cit., p. 266.

balas verdadeiras disparadas nos campos de batalha». Em Portugal, não era raro ler as «*War Reports*» de jornais estrangeiros reproduzidas na capa do jornal sendo, inclusivamente traduzidas para português. Tal acontece, por exemplo, em 1916 com o *Diário de Notícias (Madeira)* de 16 de Dezembro de 1916, e de 14 de Dezembro de 1917. Este facto demonstra a importância concedida ao conflito e o interesse que os leitores portugueses tinham em acompanhar os decisivos acontecimentos da geopolítica mundial.

Regista-se, pois, uma ampla cobertura do evento por parte da imprensa (incluindo a madeirense) e a enorme influência na propaganda e na incitação ao sentimento patriótico. A imprensa agitou, assim, a opinião pública controlando o fluxo noticioso bem como o seu conteúdo.

A Imprensa Madeirense de princípios do séc. XX

A década de 1820 marca o início da imprensa regional madeirense com a publicação, em 1821 do periódico *O Patriota Funchalense*.¹³⁷ A partir de 1850, e inspirado pelo ideário liberal, assiste-se ao nascimento de inúmeras publicações que se inserem no debate da situação económica e sociopolítica da época, como aliás se confirma pelo próprio título.¹³⁸ Alguns jornais tinham um perfil marcadamente dissidente defendendo a liberdade de expressão, enquanto outros se pautavam pelo apoio declarado ao regime.¹³⁹

A imprensa é testemunha privilegiada da sociedade madeirense, e através da sua natureza político-partidária, formativa e cultural foi uma excepcional dinamizadora da opinião pública. Possuía forte cariz opinativo e interpretativo, e embora alguns títulos pudessem ser assumidamente facciosos (representando grupo sociais, por exemplo), a imprensa era, sobretudo, caracterizada por um estilo literário que espelhava uma posição de observador crítico da realidade social e económica. A maioria dos periódicos afirmava-se, por isso, apartidários e defensores dos interesses regionais.

A primeira edição do jornal *Diário da Madeira* foi publicada a 3 de Novembro de 1880 tendo como fundador Harry Hinton e como director Francisco Bento de Gouveia. Após uma interrupção, o jornal voltou a sair para as bancas em 1912 e era popularmente visto como descendente do *Diário Popular* (1882-1888) pela maneira como lutava pela chamada «Causa Madeirense» ou a «Cruzada Regionalista», bem como pelos interesses e problemas insulares, políticos, económicos e administrativos. Mesmo durante o Estado Novo, a voz do jornal não deixou de se manifestar mesmo se o tema da autonomia regional havia perdido força.¹⁴⁰ As várias crises de

¹³⁷ PERNETA, H.P.F: *A Madeira e os Alemães, 1917-1939- o discurso na imprensa madeirense*, Dissertação de Mestrado, Universidade da Madeira, 2011, p. 19.

¹³⁸ *A Verdade* (1915-1919); *Independência* (1928-1933); *Heraldo da Madeira* (1904-1915).

¹³⁹ PERNETA, H.P.F: *A Madeira e os Alemães...*, op. cit., p. 20.

¹⁴⁰ GÓIS, J.C.S: *A Geração do Cenáculo e as Tertúlias Intelectuais Madeirenses (da I República aos anos 1940)*, Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, 2015, p. 110.

subsistência da ilha estarão certamente na origem do aumento de artigos de carácter reclamativo que sublinhavam a precariedade da vida insular.

Do ponto de vista ideológico, o *Diário da Madeira* foi, em 1912, acusado de ser monárquico chegando a ser apelidado de traidor e atraindo uma campanha de reprovação por parte de alguns jornais republicanos.¹⁴¹ Manteve-se, porém, à margem da polémica enfatizando o seu papel conciliador. Oficiosamente, o *Diário da Madeira* era conotado com a Casa Hinton, rivalizando com o *Diário de Notícias (Madeira)*, mais próximo da Casa Blandy. A I Guerra Mundial, nomeadamente, os dois ataques dos submarinos alemães ao porto do Funchal, fez ressurgir o medo do isolamento e a escassez das rotas marítimas necessárias para o adequado aprovisionamento da Ilha. Assim, embora os dois jornais defendessem interesses ingleses (com por exemplo, a produção vitícola e sacarina), surgiu um conflito de interesse entre o *Diário de Notícias* (contra o cultivo de cana de açúcar) e o *Diário da Madeira* (a favor do cultivo de cana de açúcar).

O *Diário da Madeira* detinha uma grande circulação na ilha, bem como no continente e nos países de maior emigração madeirense.¹⁴² Para além das notícias, o jornal concentrava-se em assuntos muito diversos como história, tradições ou literatura. Por exemplo, a partir de 1937, o *Suplemento Feminino* abordava temas ligados à moda, teatro, poesia e culinária e a partir de 1928 até 1937, a *Página Desportiva* foi parte integrante do diário. A índole literária do jornal estava bem patente na criação de uma secção de literatura que promovia a poesia, a narrativa e o conto de escritores madeirenses e continentais. Tal como o *Heraldo da Madeira*, o *Diário da Madeira* fazia questão de opinar sobre os novos livros, encontros literários e escritores.

O *Diário da Madeira* publicava regularmente os telegramas vindos do continente tendo a censura sido particularmente acutilante nestes casos. Tendo sido contestada por toda a imprensa portuguesa, a censura, durante a I Guerra Mundial, tornou-se mais preocupante nas regiões periféricas como a Madeira. Há registos de colunas de jornal, geralmente envolvendo algum tipo de crítica ao governo, totalmente em branco e discursos cortados¹⁴³.

Durante a Grande Guerra, o *Diário da Madeira* (mas podemos igualmente supor que aconteceu o mesmo com o *Diário de Notícias*) teve edições esgotadas devido à preocupação que a guerra suscitava neste arquipélago.¹⁴⁴ O frequente relato das batalhas e dos desenvolvimentos diplomáticos no estrangeiro tinha uma enorme aceitação por parte dos leitores pelo que se pode afirmar que o foco editorial em torno do conflito global se revelou um importante êxito editorial. Três edições chegaram a esgotar por completo. Embora as edições que iremos analisar não contenham fotografias ou estatísticas, a inclusão destes elementos foi registada durante o período de 1914-1918.

¹⁴¹ Ibidem, p. 115.

¹⁴² Ibidem, p. 65.

¹⁴³ A acção censurante é perfeitamente visível no *Diário da Madeira* de 5 de Dezembro de 1916 e de 7 de Dezembro de 2016 onde duas gigantes colunas em branco se destacam por entre o (denso) texto.

¹⁴⁴ GÓIS, J.C.S: *A Geração do Cenáculo...*, op. cit., p. 111.

A Crise do Papel de 1918

A I Guerra Mundial teve amplas consequências na vida dos jornais portugueses: se, por um lado, a informação era um bem imprescindível, por outro, o conflito bélico determinou o aumento e escassez das matérias primas como o papel ou o zinco – este era usado para a fotogravura. Isso significou uma escalada de preços um pouco por todos os países europeus.

Os jornais portugueses viram o preço do papel aumentar exponencialmente em 1918. A crise do papel atravessava toda a Europa, e tinha um impacto dramático em termos políticos e sociais. Os jornais nacionais, como o *Diário de Notícias*, ou *O Século* ficaram numa situação aflitiva de não poderem suportar os custos da aquisição do papel, pondo em risco a sua sobrevivência e a sobrevivência de milhares de postos de trabalho. Por exemplo, o diário republicano *O Século* – o primeiro jornal a utilizar imagens na imprensa nacional – garantia a subsistência a 2500 famílias, que iam de jornalistas a tipógrafos, de angariadores de anúncios a ardinhas. Neste contexto, o *Diário de Notícias* decide recomprar as edições antigas com vista à reutilização do papel nos números posteriores. É publicada a seguinte notícia a 30 de Janeiro de 1918: «Os leitores do *Diário de Notícias*, que sejam poupados e que desejem minorar o prejuízo causado pelo aumento desta folha guardem, portanto, os jornais depois de lidos, e não os deteriorarem nem percam, porque, depois descontado o preço por que os venderem, fica-lhes afinal cada exemplar de 4 páginas a 15 réis, pouco mais ou menos». A partir de fevereiro de 1918 o *Diário de Notícias* paga «aos leitores habituais desta folha os exemplares publicados à razão de 800 réis [80 centavos] cada 5 kilos (quantidade mínima) ou 2\$500 cada arroba [15 quilos]». O periódico fazia assim um «acordo» com os seus leitores disfarçando o aumento para 2 centavos da edição diária do matutino.

É provável que esta mesma crise do papel se tenha refletido nos jornais madeirenses a partir de 1918. Contudo, durante os Bombardeamentos do Funchal, em 1916 e 1917, ainda não é notório o aumento do preço dessa matéria-prima pelo que os jornais madeirenses analisados não fazem qualquer referência a um aumento dos preços dos periódicos nem pedem aos seus leitores para revenderem as edições antigas com vista à reutilização do papel.

Os Bombardeamentos do Funchal

No início do séc. XX, a Madeira detinha uma relação amistosa com a Alemanha a partir dos interesses mútuos que Madeirenses e Alemães possuíam. A empatia generalizada pela Alemanha¹⁴⁵ assentava sobretudo nas relações comerciais entre Portugal e a Alemanha. A Madeira exportava por exemplo, vinho, vimes e bordados. Por seu turno, a Alemanha via nas relações comerciais uma forma de se aproximar política e diplomaticamente de Portugal. Assim se explica, por exemplo,

¹⁴⁵ PERNETA, H.P.F: *A Madeira e os Alemães...*, op. cit., p. 120.

a tentativa de construção do sanatório anti-tuberculose e de um casino na Madeira, durante a primeira década do séc. XX. Além disso, o turismo era já nesta altura uma importante fonte de receitas e a vinda de turistas alemães era considerada como uma enorme potencialidade económica.

As relações bilaterais entre a Madeira e a Alemanha viram-se subitamente interrompidas com a declaração de guerra da Alemanha à Rússia que levou à eclosão da I Guerra Mundial e a aproximação diplomática de Portugal à Tríplice Entente (aliança entre França, Grã-Bretanha e Rússia). E ainda que os Alemães acreditassem que Portugal ia indiscutivelmente participar no esforço de guerra, Portugal foi declarado país neutral ao mesmo tempo que enviou, em 1917, o *Corpo Expedicionário Português* para França. A participação de Portugal prendia-se com a ameaça que a Alemanha representava aos territórios ultramarinos e pretendia cimentar as relações centenárias com os seus aliados históricos, nomeadamente a Inglaterra. Foi precisamente por este motivo que Portugal, em concordância com os países Aliados decidiu fechar os portos às embarcações alemãs chegando mesmo a aprisioná-las. Por solicitação de Inglaterra, o Governo Português decreta, a 24 de Fevereiro de 1916, a apreensão de todos os navios alemães ancorados nos portos nacionais. Na Madeira, quatro navios são imediatamente detidos no Porto do Funchal e as respectivas tripulações deslocadas para o Lazareto enquanto aguardavam deportação para os Açores.¹⁴⁶ A Alemanha declarou oficialmente guerra a Portugal no dia 9 de Março de 1916 e a partir daí ocorreram inúmeros ataques de submarinos alemães a navios portugueses que navegavam junto à costa portuguesa como Viana do Castelo, Esposende ou Matosinhos.

A Madeira não ficou imune à estratégia beligerante da Alemanha. Situada numa zona geo-estratégica de crucial importância para os interesses britânicos e alemães (próxima da entrada do Mar Mediterrâneo, a 900 km do continente Europeu e a 700 km do continente Africano), ela foi também alvo dos ataques da Marinha Alemã, a qual pretendia acabar com a hegemonia naval britânica sobre o Atlântico. Assim, entre 1916 e 1917, a cidade do Funchal foi bombardeada por duas vezes por *U-boats* Alemães.

A três de Dezembro de 1916, por volta das 08h30 da manhã, três embarcações foram torpedadas pelo submarino U-38 comandado pelo capitão-tenente Max Valentiner¹⁴⁷ enquanto estavam fundeados no porto do Funchal: a canhoeira francesa *Surprise*; o vapor francês *Kanguroo*; e o vapor mercante inglês *Dacia*. O bombardeamento durou até às 11h atingindo várias zonas da cidade, como a Rua do Bispo, a Calçada de Santa Clara e a Quinta Vigia. O *Diário de Notícias (Madeira)* escrevia: «Mal se podia imaginar o brutal e traiçoeiro assalto dum submarino alemão ao porto de Funchal, em pleno dia, manifestando a maior audácia nessa criminosa investida, audácia que já de antemão tinha a certeza de que ficaria impune pela falta de recursos e elementos de defesa da nossa costa [...] Não quiseram que terminasse o ano de 1916, sem virem deixar à Madeira o seu cartão

¹⁴⁶ Ibidem, p. 51.

¹⁴⁷ RODRIGUES, P.M: «A Ilha da Madeira durante a Grande Guerra (1914-1918): tópicos de política e defesa», *Nação e Defesa*, nº139, 2014, p. 74.

de visita que é, como quem diz, uma amostra do seu ódio e da sua perversidade sem nome». ¹⁴⁸ Embora as fortalezas de São Tiago e da Vigia tenham ripostado, nenhum dos submarinos alemães sofreu danos significativos. Ironicamente, crê-se que o U-38 não teria atacado alvos terrestres se as baterias dos fortes não tivessem atacado. O objectivo do submarino alemão estava claramente definido: afundar o *Dácia*. ¹⁴⁹ Cumprida a missão, o U-38 rumou a leste em direcção à Ponta de São Lourenço. Neste incidente morreram trinta e quatro tripulantes da canhoeira *Surprise*, cinco carregadores de carvão e um empregado da Firma Blandy. Em terra, reportam-se dois praças e um sargento feridos.

Cerca de um ano após o incidente, a 13 de Dezembro de 1917, às 06h20 volta-se a registar um novo ataque de um submarino alemão, o U-156, comandado pelo capitão-tenente Konrad Gansser. Tendo durado apenas 30 minutos, o bombardeamento atingiu mais bairros do Funchal. Cerca de trinta pessoas ficam feridas e cinco perecem. O *Diário de Notícias (Madeira)*, mais uma vez, descreve o assombro e manifesta o sentimento de revolta pela traição e crueldade demonstradas. «Ontem [12 de Dezembro de 1917], pelas 6 horas e 20 minutos [madrugada], foi esta cidade mais uma vez bombardeada pelos canhões dum submarino alemão, semeando a desolação, a morte e ruínas em diferentes pontos no Funchal. Mais uma vez se exerceu sobre nós a acção traiçoeira, covarde e bárbara dos hediondos piratas ao serviço do kaiser. Foi um despertar trágico, idêntico ao dia 3 de Dezembro de 1916, apavorando uma pacífica e laboriosa população, já trabalhada pelas preocupações e cuidados, causados pelo estado de Guerra». ¹⁵⁰ Desta vez, o ataque visava apenas alvos terrestres como o porto do Funchal, a estação radiotelegráfica, os edifícios governamentais, as fortalezas e as baterias costeiras. ¹⁵¹ O Convento de Santa Clara foi também alvejado já que contíguo ao edifício havia um armazém do Exército. Este pormenor faz-nos pensar que os Alemães tinham informadores colocando-se a hipótese dos submarinos alemães receberem provisões alimentares a partir da ilha. ¹⁵² O U-156 foi, pela primeira vez, avistado por pescadores junto do Forte de São Tiago a duas léguas de distância da costa. Quando o navio português *Dekade I* iniciou a perseguição, já o submarino havia efectuado cerca de 50 disparos.

Durante a I Guerra Mundial, e principalmente em 1916 e 1917, a Madeira experimentou um período de especial dependência do exterior. Além disso, a insegurança na navegação do Atlântico isolou ainda mais o arquipélago e aumentou as dificuldades de abastecimento. O *Diário da Madeira* considerou que a Madeira foi a região portuguesa mais afectada pela Grande Guerra. O *Diário de Notícias (Madeira)*, e o *Diário da Madeira* desempenharam um papel fundamental não apenas informando o público dos ataques alemães, como também despoletando um acérrimo sentimento regionalista, incentivando a recuperação e criticando

¹⁴⁸ *Diário de Notícias (Madeira)*, 5 de Dezembro de 1916.

¹⁴⁹ RODRIGUES, P.M: «A Ilha da Madeira durante a Grande Guerra...», *Nação e Defesa*, op. cit., p. 75.

¹⁵⁰ *Diário de Notícias (Madeira)*, 13 de Dezembro de 1917.

¹⁵¹ PERNETA, H.P.F: *A Madeira e os Alemães...*, op. cit., p. 50.

¹⁵² RODRIGUES, P.M: «A Ilha da Madeira durante a Grande Guerra...», *Nação e Defesa*, op. cit., p. 81.

veementemente a atitude da Alemanha. Os ataques foram considerados uma vil traição e um gesto de covardia que cabia aos portugueses repudiar. Os artigos destes dois jornais madeirenses foram a principal fonte de informação para os jornais do continente. *O Século* e o *Diário de Notícias* chegaram inclusivamente a transcrever integralmente as notícias que chegavam dos jornais regionais.

Estudo de Caso – o discurso jornalístico na cobertura noticiosa dos Bombardeamentos do Funchal (1916-1917)

Feita a contextualização histórica da imprensa regional e do acontecimento histórico, analisamos as características discursivas do jornalismo regional manifestadas nos artigos do *Diário da Madeira* e do *Diário de Notícias (Madeira)* a propósito do bombardeamento do Funchal.

No estudo de caso que se segue, tomou-se em consideração um total de 11 notícias que versam directamente o acontecimento em causa: 6 edições do *Diário de Notícias (Madeira)* e 5 edições do *Diário da Madeira*, todas pertencentes ao Arquivo Regional da Madeira. Tendo em conta, as normas discursivas Anglo-Americanas, concentramo-nos num aspecto nuclear do discurso jornalístico moderno: o uso da técnica de escrita em pirâmide invertida.

A Pirâmide Invertida

«Pirâmide invertida» é a metáfora usada na Teoria do Jornalismo que caracteriza o método de estruturação de um artigo segundo um critério de priorização da informação. É a par da objectividade, outra das normas discursivas introduzidas no séc. XIX pela imprensa Anglo-Americana e que reflecte o culto pela informação factual e pela imprensa de informação baseada nas *hards-news*. É, igualmente, uma das técnicas de escrita que melhor define o jornalismo moderno e que faz parte do conjunto de saberes especializados que rege a actividade profissional do jornalista.

A norma discursiva que estrutura o texto de acordo com uma pirâmide Invertida obedece a dois princípios: (1) a notícia começa por oferecer um sumário do acontecimento reportado; (2) a reconstrução do acontecimento respeita um critério de importância em detrimento de um critério cronológico.¹⁵³ Dito de outro modo, um artigo jornalístico começa pelos aspectos mais importantes e interessantes (*quem, o quê, como, onde, porquê e como*) - o topo da pirâmide - aos quais se acrescenta pormenores e detalhes pertinentes -meio da pirâmide- terminado com aspectos genéricos e informação contextual – base da pirâmide invertida.

A grande vantagem deste modelo de redacção noticiosa é a sua enorme condensação temática, ou seja, a informação é apreendida rápida e imediatamente,

¹⁵³ THOMSON E.A., P.R.R. WHITE & P. KITLEY: «Objectivity and Hard News Reporting across Cultures», *Journalism Studies*, 9 (2), 2008, p. 213.

podendo o leitor prescindir da leitura do resto da notícia sem que isso prejudique a compreensão do acontecimento reportado.

A pirâmide invertida surge no jornalismo Anglo-Americano impulsionado pela aceleração da produção e consumo noticiosos estimulados com as novas condições tecnológicas, sociais e económicas da América. A abundância informacional requer a existência de modelos de estruturação discursiva do texto jornalístico com vista a reduzir o tempo de escrita e de leitura. Trata-se, pois, de uma norma discursiva (concomitante da popularização do telégrafo) que visa facilitar a apreensão da notícia ao mesmo tempo que oferece um método padronizado e serial de escrita jornalística. Isto está em claro contraste com a escrita menos industrializada e mais laboriosa da imprensa de opinião cujo estilo elevado e muito literário requeria longas horas de reflexão e redacção.

Um exemplo eloquente do estilo de escrita literária que ainda imperava nos dois jornais analisados aparece num parágrafo do *Diário de Notícias (Madeira)* de 16 de Dezembro de 1916: «Os astros, privados da sua irradiação deslumbradora, despegando-se do alto, esburacados pelas balas, esfacelados, feitos em hastilhas, reduzidos a meros torresmos. A perturbação e a confusão de todos os elementos da Natureza. O regresso ao tenebroso caos primitivo. A antecipação do fim dos mundos». Num tom romântico, mas também apocalíptico, este parágrafo não possui factos sobre os quais trabalha a informação. Ele prefere fazer uma descrição muito sugestionadora através do recurso a figuras de estilo literárias e, assim, impressionar os leitores. Está, assim, muito longe do discurso jornalístico que possuímos na contemporaneidade ao não se preocupar tanto com os factos, puros e duros, quanto com imagens literárias que pretendem descrever, com elegância, a tragédia.

Embora possam ocorrer pequenas diferenças pontuais, os artigos examinados revelam suficientemente homogeneidade neste ponto para respondermos que existe já uma tendência de apresentação de um parágrafo introdutório cuja forma está muito próxima do *Lead* Anglo-Americano. Não se trata ainda de um *Lead* completamente definido. Porém, a muito frequente inclusão de um parágrafo introdutório aponta já para a necessidade que o *Diário da Madeira* e o *Diário de Notícias (Madeira)* reconhecem em dar ao leitor uma primeira leitura sobre o acontecimento. Os parágrafos introdutórios providenciam, assim, uma leitura sinóptica da notícia formando um esquema temático que nos esclarece a organização da informação no artigo. É como se estes parágrafos introdutórios funcionassem como pequenos orifícios que permitem aos leitores esboçar a notícia nos seus traços-gerais, tal como o buraco de uma fechadura nos permite antecipar aquilo que se encontra dentro da divisão fechada.

Vejam: «A Madeira bombardeada por um submarino alemão – a canhoeira francesa “*Surprise*” e os vapores “*Kanguroo*” e “*Dacia*” torpeados dentro da bahia». ¹⁵⁴ O parágrafo introdutório não é ainda um *Lead*, isto é, um texto com relativa autonomia dentro do próximo texto principal da notícia. Contudo, é um pequeno

¹⁵⁴ *Diário da Madeira*, 5 de Dezembro de 1916

subtítulo que complementa o título e que oferece o essencial da informação. Temos, assim, os elementos fulcrais da notícia incluindo o nome dos navios afundados.

Sem dúvida, o exemplo mais aproximado do *Lead*, num exemplo de clara influência Anglo-Americana, é-nos dado por: «Bombardeamento do Funchal por um submarino alemão – registaram-se 5 mortes e ficaram feridas cerca de 30 pessoas. Os estragos na cidade e arredores. O combate com o pirata. Pormenores diversos».¹⁵⁵ A primeira parte do sub-título poderia ser confundida com um lead contemporâneo, mas é a indicação de «pormenores diversos» que o trai. De qualquer modo, estamos perante um parágrafo introdutório que, de algum modo, resume o artigo e simultaneamente oferece já a informação fundamental (nomeadamente, o número de mortes e feridos.

E será que podemos identificar a pirâmide invertida?

A análise às notícias sobre os ataques alemães à Madeira não permite concluir que o jornalismo regional madeirense, em 1916 e 1917, tivesse já incorporado, por completo, a técnica de escrita em pirâmide invertida.

O corpo de uma notícia de natureza factual (*hard-news*) que integre a pirâmide invertida é geralmente composto por sub-componentes que desempenham vários tipos de funções. Normalmente, uma notícia inclui: uma elaboração ou reiteração que detalha ou exemplifica a informação apresentada no *Lead*; as causas que relatam os motivos para alguma coisa reportada; as consequências apontando os eventos que de modo expectável se seguirão ao acontecimento reportado; a contextualização do panorama temporal, espacial, social, cultural, económico ou político dos acontecimentos noticiados.¹⁵⁶ Existe, deste modo, um núcleo temático condensado no título e no *Lead* a partir do qual se espraia os detalhes que compõem o acontecimento jornalístico. Na terminologia de Thomson, White & Kitley,¹⁵⁷ temos uma «disposição orbital» (*orbital arrangement*) na qual componentes-satélite orbitam em torno de um núcleo temático fundamental.

Este tipo de organização discursiva do texto jornalístico é hoje dominante mas isso não significa que, em 1916 e 1917, na Madeira, o discurso jornalístico espelhasse esta disposição orbital. Com efeito, a análise das notícias do Bombardeamento do Funchal demonstra que a pirâmide invertida era uma prática discursiva ausente (no mínimo incipiente) na medida em que não se registam, de forma clara e inequívoca, os sub-componentes «elaboração», «causas», «consequências» ou «contextualização». Isto não quer dizer que não se encontrem exemplos de consequências ou contextualização nos textos. Com certeza que sim. Contudo, a articulação discursiva entre um título e o corpo do texto é ainda incompleta. Os títulos e os parágrafos introdutórios tendem, muito simplesmente, a anunciar o sumário do texto mas não formam um núcleo a partir do qual se desenvolvem os sub-componentes. Pelo contrário, o estilo elaborado da escrita das

¹⁵⁵ *Diário de Notícias*, 13 de Dezembro de 1917

¹⁵⁶ THOMSON E.A., P.R.R. WHITE & P. KITLEY: «Objectivity and Hard News...», *Journalism Studies*, op. cit., p. 218.

¹⁵⁷ *Ibidem*, p. 219.

notícias e o seu pendor reivindicativo/opinativo proíbem uma organização auto-demonstrativa dos factos ocorridos.

Na verdade, regista-se uma incontornável reelaboração discursiva da narrativa factual com base nas motivações e na leitura interpretativa que o autor dos textos dos jornais faz daqueles acontecimentos. Assim, se as consequências são constantemente assinaladas¹⁵⁸, elas não orbitam o título ou o parágrafo introdutório. Além disso, as constantes passagens de pendor opinativo interrompem o fluxo factual que se observa no padrão discursivo do jornalismo Anglo-Americano. Leiam-se os seguintes parágrafos contíguos: «É mister ponderar muito seriamente esta questão vital da vida económica desta ilha./ Não cruzemos os braços diante desta grave situação. Não alimentemos vans esperanças e fementidas ilusões».¹⁵⁹

Enquanto no discurso jornalístico Anglo-Americano o corpo do texto segue o núcleo através de um conjunto de detalhamentos e especificações, no discurso jornalístico regional estudado, o corpo do texto oferece novos sentidos (por vezes muito díspares entre si) ao título. Assim, em vez de um modelo orbital de pirâmide invertida, a maioria das notícias analisadas segue um modelo ensaístico revelando as enormes afinidades que o jornalismo europeu ainda detinha com um estilo literário de jornalismo.

Conclusão

Como se deduz a partir do exposto, um dos princípios basilares do padrão discursivo do jornalismo Anglo-Americano – a escrita em pirâmide invertida – não se observava ainda, de forma consistente, na imprensa madeirense do início do séc. XX.

Infere-se, assim, que a essa influência apenas paulatinamente foi adoptada em Portugal, em especial nesta região insular. Assim, poder-se-ia afirmar que o uso da pirâmide invertida não era, ainda, um elemento fundamental do discurso jornalístico da época dos Bombardeamentos do Funchal.

Assim, e embora o jornalismo madeirense adopte esparsamente alguns elementos¹⁶⁰, não é possível reconhecer claramente os princípios do jornalismo Anglo-Americano já formados e plenamente definidos. Nenhuma peça examinada mostra sinais do uso da escrita em pirâmide invertida. O *como*, *quem*, *porquê*, *onde* e *quando* não formam o núcleo organizador do texto. Além disso, o tom do jornalista não é neutro. A preocupação não é tanto com a objectividade dos factos quanto com a afirmação de uma perspectiva regional (e enriquecida com a subjectividade

¹⁵⁸ *Diário de Notícias (Madeira)*, 12 de Dezembro de 1916, «O futuro que espera a Madeira».

¹⁵⁹ *Ibidem*, 12 de Dezembro de 1916.

¹⁶⁰ É claro que as notícias evidenciam já alguns aspectos distintivos do jornalismo contemporâneo como a divisão temática da notícia por secção ou a divisão da entrevista segundo os temas abordados. Isto sucede, por exemplo, no *Diário da Madeira* de 7 de Dezembro de 1916; ou no *Diário da Madeira* e no *Diário de Notícias (Madeira)* de 13 de Dezembro de 1917.

do intelectual que redige a notícia) acerca dos acontecimentos. Desse modo, o jornalismo regional deste período (*Diário de Notícias (Madeira)* e *Diário da Madeira*) não se configura como autoridade discursiva de pleno direito seguindo uma linha editorial muito politizada e interessada. Tal não nos deve surpreender porque isso parece ser uma tendência do jornalismo português insular. O *Açoriano Oriental* seguia também a linha editorial regionalista que favorecesse o Arquipélago dos Açores tendo, por esse motivo, alterado consecutivamente a sua orientação durante a I Guerra Mundial: ora aliado, ora germanófilo, ora seguidor da União Republicana.¹⁶¹

Diremos que o estudo de caso efectuado nos dá a ver um jornalismo cujo discurso se caracteriza pela mestiçagem entre opinião e informação, entre os juízos de um intelectual-jornalista e os factos objectivos do acontecimento, entre a reivindicação assumida nos textos dos interesses madeirenses e a descrição impassível do ataque alemão ao Funchal. A ideia de uma mestiçagem entre opinião e informação pretende traçar um panorama muito claro: apesar de existirem elementos presentes no discurso Anglo-Americano do jornalismo, ainda temos fundamentalmente um discurso onde a informação ainda não assumiu um papel epistemológico em si mesma.¹⁶² O discurso jornalístico destes dois jornais, neste período, ainda não se constituiu num campo autónomo de produção discursiva nem assume um estatuto social independente.

O que ressalta da nossa análise é um discurso de imprensa bastante devedor de outros tipos de discurso que circulam na sociedade, nomeadamente, o discurso literário com os seus ornamentos, figuras de estilo, elegância e prosa poética. Convém, neste ponto, insistir que se é indiscutível o papel interpretativo das notícias, esta interpretação não corresponde à voz própria e específica da actividade jornalística enquanto campo autónomo de produção discursiva. Ela traduz, antes, a interpretação, não da imprensa enquanto agente social, mas de grupos sociais que pugnavam pela defesa dos interesses da Madeira¹⁶³. É neste contexto que se torna difícil vislumbrar o emprego da norma discursiva da objectividade: de facto, os jornais madeirenses lutavam por uma causa social particular e o ponto de vista distanciado que reconhecemos ao jornalismo moderno não estava aqui plenamente configurado. A voz «jornalística» do *Diário da Madeira* e do *Diário de Notícias (Madeira)*, para além de ser, como já sublinhámos, uma voz de feição editorial, é uma voz que confia na autoridade cultural de intelectuais a defenderem a sua identidade colectiva, e não na autoridade de um campo social independente dotado de um corpo de profissionais – os jornalistas- que agem de acordo com procedimentos, rotinas e normas discursivas particulares.

Assim, e em síntese, não podemos, ainda, atribuir ao jornalismo regional madeirense do início do séc. XX, a voz universal e padronizada que viria a

¹⁶¹ NOVAIS, N.E: *A Imprensa Portuguesa e a Guerra...*, op. cit., p. 213.

¹⁶² MATHESON, D: «The birth of news discourse: changes in news language in British newspapers, 1880-1930», *Media, Culture & Society*, 22, 2000, p. 559.

¹⁶³ Recordemos que, por exemplo, o *Diário de Notícias (Madeira)* estava oficiosamente associado à Firma Blandy.

caracterizar o jornalismo a partir da década de 1920. Neste caso, os acontecimentos ainda não são enquadrados num discurso jornalístico enquanto discurso autónomo. Isto significa que o discurso não se torna uma forma de conhecimento, ou um discurso acerca da realidade, auto-suficiente.¹⁶⁴ Um em que o estilo cavalheiresco, digno e corrosivo que encontramos no *Diário da Madeira* e no *Diário de Notícias (Madeira)* dá lugar a um estilo convencional de reportar o mundo: um estilo mais neutro, distanciado, impessoal e asséptico mas que por isso mesmo se ajusta ao ritmo frenético de produção noticiosa que caracterizou o séc. XX.

¹⁶⁴ MATHESON, D: «The birth of news discourse...», *Media, Culture & Society*, op. cit., p. 565.